

# No palácio, tumulto para ver Tancredo: quatro mortos

Foto de Fernando Rabelo

BELO HORIZONTE — Quatro mortos, 271 feridos, nove deles em estado grave: este é o resultado, em números oficiais, do tumulto ocorrido ontem na Praça da Liberdade, onde milhares de pessoas se comprimiam para passar pelo portão do Palácio do Governo de Minas e ver o corpo do Presidente Tancredo Neves. As mortes, segundo o coordenador do plantão do Hospital Pronto Socorro JOÃO XXIII, Antônio de Faria Vecchi, foram, "possivelmente", por traumatismo torácico. A multidão derrubou uma das grades de ferro que isolava o gradil do Palácio da Liberdade.

Somente um dos mortos foi identificado, como Alexandre Marius Monteiro, de 20 anos. Os outros quatro, atendidos sem documentação, são do sexo feminino, com idades entre 50 e 60 anos. Uma delas traria um cheque em nome de Dalva Gomes Amora. O número de vítimas, entretanto, é possivelmente superior. Um garoto de cerca de 12 anos, que procurava um melhor ângulo de visão, em cima de uma das árvores da praça, foi eletrocutado. Não se sabe se morreu, já que foi colocado às pressas em uma ambulância, e levado para um hospital que não se conseguiu identificar.

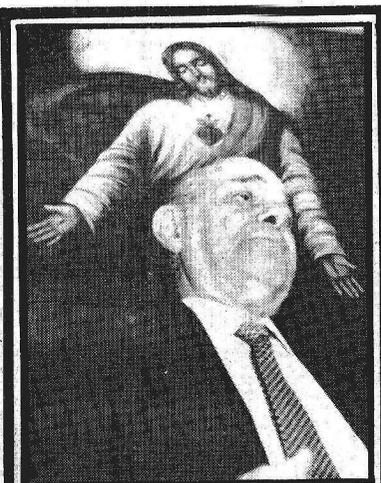
Só no posto de pronto-socorro instalado na praça num caminhão da Polícia Militar, foram atendidas mais de 200 pessoas, com pequenos ferimentos. A biblioteca pública e a capela do Palácio dos Despachos foram transformados em ambulatórios de emergência. A maioria dos atendidos eram mulheres que sofreram crises nervosas e escoriações leves. No Hospital do Estado João XXIII foram atendidas 271 pessoas. Em nota oficial, o Comandante Geral da Polícia Militar de Minas Gerais, Coronel Leonel Archanjo Afonso, lamentou as mortes, ocasionadas, no seu entender, pela "pressão psicológica da população no desejo incontrolável de ver o corpo de seu grande líder e mártir". A noite, o Governador Hélio Garcia visitou os feridos no Hospital João XXIII.

O tumulto começou às

15h47m, quando o locutor oficial anunciou a retirada da bandeira nacional que cobria o caixão do Presidente Tancredo Neves. A multidão avançou sobre os gradis de proteção colocados na parte externa do Palácio e arrombou o portão central. Dezenas de pessoas foram pisoteadas, enquanto outras empurravam o povo de volta à rua, fechando novamente o portão.

Da sacada do Palácio da Liberdade, Franco Montoro e Hélio Garcia tentaram, inutilmente, conter a multidão, com pedidos de calma. O Governador de Minas chegou a ensaiar um "Pai Nosso", mas a multidão só se acalmou Risoleta, quando D. com a voz embargada, fez um discurso que emocionou a todos. Anunciou-se, então, a abertura da visitação pública, orientando-se a multidão para se encaminhar para um dos portões laterais.

Quando o tumulto assumia proporções incontroláveis, os soldados da PM começaram a acelerar a entrada pelo portão lateral, desviando as pessoas para os jardins do Palácio, a essa altura com os gramados cobertos de gente semidesmaiada. Nova tentativa de conter a confusão foi



★ 1910 † 1985

feita, desta vez pela professora de yoga Maria José Marinho, que, com voz mansa e pausada, pedia ao povo que relaxasse, erguesse os braços e rezasse com ela o "Pai Nosso", seguindo uma "luz imaginária em cada coração". A improvisada seção de yoga, alternada com cânticos religiosos, durou mais de 15 minutos, mas surtiu efeito. Aos poucos a multidão foi se acalmando.

Simultaneamente, as emissoras de rádio e televisão transmitiam um apelo do Governo de Minas para que a população não se dirigisse para a Praça da Liberdade. Mais tarde, o Governador Hélio Garcia classificaria o tumulto como "comocção popular".

Os pacientes começaram a chegar ao Hospital João XXIII por volta das 16h15m, transportados em ambulâncias, carros oficiais e particulares. Quase todos tinham escoriações e pequenas fraturas, causadas por pisoteamento, e alguns com estado emocional alterado. Três paradas cardíacas foram controladas e; das quatro pessoas mortas, uma teve seu cérebro esmagado, outra morreu por asfixia e outras duas por pisoteamento. A equipe de 21 médicos que iniciou o atendimento foi intensificada, à medida que o corpo de 150 médicos era convocado, através de emissoras de rádio e televisão, a pedido do chefe do plantão.

Minutos depois, a cena voltou a se repetir, tornando inúteis os apelos sucessivos do locutor para que a calma fosse mantida.

Por volta das 21 horas, o Governador Hélio Garcia esteve no Hospital João XXIII, visitando os feridos. O movimento, a essa hora, havia se acalmado, porque a maioria das pessoas havia sido liberada. À saída, ele lamentou o ocorrido, reconheceu que houve "alguma falha" no esquema de segurança (cerca de seis mil policiais), mas disse que não havia responsabilidades a serem apuradas. Depois fez um apelo:

—Sei do desejo da população de Belo Horizonte e de Minas de comparecer ao enterro, mas peço que não vá. A cidade de São João Del Rei não comporta. Não sei o que poderá acontecer se forem para lá.



Gritando de dor, em consequência dos ferimentos que sofreu ao ser pisoteada, uma mulher é socorrida pelo PM e pela equipe médica nos fundos do Palácio da Liberdade